



Saberes etnofarmacobotânicos e práticas de cura na Umbanda: um estudo da medicina popular (*folk medicine*) no município de São Miguel do Guamá, Amazônia paraense

Ethnopharmacobotanical knowledge and healing practices in the Umbanda religion: a study of folk medicine in the municipality of São Miguel do Guamá, Pará, eastern Amazon, Brazil

Francisco Diego Sousa de Sousa¹

PPGAGC- UFV

fds17.sousa@gmail.com - <https://orcid.org/0009-0004-8254-3187>

Jairo Luis Santos Rego²

UEPA

jairoluissantosregio791@gmail.com - <https://orcid.org/0009-0005-2470-6053>

Milton Ribeiro³

PPGSA-IFCH-UFPA

milton.ribeiro@uepa.br - <https://orcid.org/0000-0002-7275-7614>

Ariana Kelly Leandra Silva da Silva⁴

PPGA-IFCH-UFPA

ariana.silva@escola.seduc.pa.gov.br - <https://orcid.org/0000-0002-6343-8259>

Resumo

Investigamos os usos de ervas e plantas medicinais, fitoterápicas e ornamentais a partir da cosmovisão da religião de matriz africana Umbanda no município de São Miguel do Guamá, Estado do Pará, Amazônia, descrevendo a utilidade da *folk medicine* em práticas de curas. Demonstramos as principais ervas e plantas medicinais, os nomes populares e científicos e as funções curativas ou os chamados verbos (“verbos” no sentido de designar ação, estado ou fenômeno da natureza) atribuídos às plantas nos ritos de cura da Umbanda, como a arruda (*Ruta graveolens*), a pimenta-malagueta (*Capsicum frutescens*) e outras, destacando as simbologias empregadas em ações curativas, cerimoniais, ornamentações e representações de entidades espirituais. O objetivo foi evidenciar que as plantas são elementos do sagrado religioso com fins terapêuticos que fazem parte da cosmologia que dá sentido às cerimônias de cura da religião Umbanda. Realizamos trabalho de campo no terreiro, empregamos o método etnográfico, a observação participante e o questionário semiestruturado antecedido da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com entrevistas fotografadas, gravadas em áudio e transcritas, além de ampla pesquisa bibliográfica. Os resultados indicaram a relevância de catalogar os usos rotineiros de práticas curativas da Umbanda a partir da etnobotânica como instrumentos complementares ao sistema de saúde oficial, que por gerações tem auxiliado as comunidades dos entornos de terreiros e casas de santos no tratamento alternativo de variadas doenças, como dores de cabeça, dor de estômago, ansiedade, Covid-19, entre outras, espaço de cura que tem significado prático na recuperação de doenças do corpo e do espírito na medicina popular no interior do Estado do Pará.

Palavras-chave: *Folk medicine*. Umbanda. Etnofarmacobotânica. Práticas de curas. Doenças do cotidiano.

¹ Mestrando em Agroecologia pela Universidade Federal de Viçosa (PPGAGC-UFV).

² Licenciatura em Ciências Sociais (UEPA).

³ Doutorando em Antropologia Social (PPGSA-IFCH-UFPA).

⁴ Doutora em Antropologia / Bioantropologia (PPGA-IFCH-UFPA).

Abstract

We investigated the uses of herbs and medicinal, phytotherapeutic, and ornamental plants from the worldview of the Umbanda religion of African matrix in the municipality of São Miguel do Guamá, State of Pará, Amazon, describing the utility of folk medicine in healing practices. We demonstrate the main herbs and medicinal plants, their popular and scientific names, and the healing functions or so-called verbs (“verbs” in the sense of designating action, state, or natural phenomena) attributed to plants in Umbanda healing rites, such as rue (*Ruta graveolens*), chili pepper (*Capsicum frutescens*), and others, highlighting the symbologies employed in curative actions, ceremonies, ornamentations, and representations of spiritual entities. The objective was to show that plants are elements of the religious sacred with therapeutic purposes that are part of the cosmology that gives meaning to the healing ceremonies of the Umbanda religion. We conducted field work at the temple (*terreiro*), employing the ethnographic method, participant observation, and a semi-structured questionnaire preceded by the signing of the Free and Informed Consent Form (FICF), with photographed interviews, audio-recorded and transcribed, as well as extensive bibliographic research. The results indicated the relevance of cataloging the routine uses of Umbanda healing practices from ethnobotany as complementary instruments to the official health system, which for generations has assisted the communities surrounding the temples and houses of saints in the alternative treatment of various diseases, such as headaches, stomach aches, anxiety, Covid-19, among others, a healing space that has practical significance in the recovery of diseases of the body and spirit in folk medicine in the interior of the State of Pará.

Keywords: Folk medicine. Umbanda. Ethnopharmacobotany. Healing practices. Everyday diseases.

1. INTRODUÇÃO

A questão da pesquisa é a discussão sobre as práticas de cura da religião Umbanda no que tange à saúde/doença/tratamento na prática da medicina popular⁵, em um município localizado no nordeste do estado Pará (PASSOS et al., 2018). Objetivamos pesquisar o uso da *folk medicine* por ser um tema destacado no campo da Etnobiologia (Etnofarmacobotânica), com a justificativa de ser uma prática biocultural utilizada desde longa data na Amazônia e ao redor do mundo, como em um estudo em Nebraska (EUA), no qual Pauline Black (1935) identificou um grande número de recursos naturais como: pedras, folhas de mostarda, folhas de videiras, pimenta-do-reino, batata, lagartas, tabaco, esterco de vaca, carrapichos, vinagre de maçã, gosmas de peixes e diversos outros elementos para a cura de diferentes doenças, com o alívio para dores, inflamações, infecções, dor de dente, dor de ouvido, problemas nos rins, picadas de insetos ou de cobras, contato com urtigas, asma, reumatismo e outras enfermidades.

Black (1935) descreve a respeito da tradição de tais usos em processos de curas na seguinte passagem: “As curas populares são uma parte conspícua da tradição de Nebraska. Os pioneiros do Nebraska, de muitos estados e países, trouxeram consigo certos remédios que consideravam particularmente eficazes e que se tornaram uma tradição em famílias ou comunidades em todo o estado”, informando a necessidade cultural dos processos de cura,

⁵ Para Menezes (2024) a Medicina Tradicional Amazônica (MTA) é entendida como uma medicina popular holística utilizada pelas populações que vivem na Amazônia na prevenção, tratamento e cura de doenças físicas, mentais e espirituais, podendo ser empregada isoladamente ou em combinação com a medicina alopática. Constitui-se a partir de saberes tradicionais intergeracionais, transmitidos pela oralidade, e envolve práticas como o uso de plantas medicinais, banhos terapêuticos, massagens, benzimentos e rituais, expressando uma confluência de saberes que compõem a cosmovisão amazônica (Menezes, 2024).

afirmando ainda que “Muitos foram relatados a mim como atualmente empregados aqui e ali no estado com fé em sua eficácia. Alguns são citados por seus colaboradores como curas tradicionais de valor duvidoso. Outros são mantidos vivos na boca de pessoas que os repetem com jocosidade ou ceticismo inconfundíveis” (Black, 1935, p. 5, tradução livre).

A importância de se estudar esse tema é que ele tem grande relevância em nossa atualidade, no que tange ao momento pós-pandêmico; além do mais, a pandemia da Covid-19 gerou uma mobilização global que afetou negativamente diversas áreas sociais ao redor do mundo (Santos, 2020; Oliveira, 2020). Em particular, na região nordeste do estado do Pará, Brasil, em São Miguel do Guamá, segundo as entrevistas e os dados coletados, a religião de matriz africana Umbanda ajudou fortemente no combate à Covid-19 por meio do uso de ervas e plantas medicinais, e/ou trabalhos realizados por via do pai ou mãe de santo, a fim de amenizar as sequelas e danos gerados pelo vírus da Covid-19 e outras enfermidades na sociedade do entorno.

Na antropologia clássica, Lévi-Strauss (1975) classificou a medicina popular (*folk medicine*) como um sistema médico que envolve diagnósticos e tratamentos, elementos básicos que nos proporcionam entender conhecimentos fundamentados no saber empírico acumulado segundo o contexto sociocultural no qual se insere, cujos significados são partilhados por todos os membros das sociedades que a utilizam no cotidiano. Para Queiroz e Canesqui (1986, p. 162), “as práticas e ideologias de cura alternativas só podem se manifestar de modo subordinado ou até mesmo respondendo, parcial ou totalmente, a certos vazios não preenchidos pela extensão do cuidado médico oficial”. Entretanto, de acordo com Bueno (2009), o uso da medicina popular é bastante antigo, entendendo que os processos de cura de doenças fizeram parte de distintas sociedades (Lévi-Strauss, 1975; Queiroz; Canesqui, 1986; Bueno, 2009).

Entende-se que desde as primeiras coletividades humanas se tem a prática e a utilização de ervas⁶ e plantas⁷ para fins curativos ou alimentícios. O uso medicinal de plantas para processos de cura na sociedade brasileira e, em especial, na Amazônia, tem sido amplamente documentado no âmbito acadêmico e não acadêmico, e de diversos públicos, tais como entre: benzedeiras, rezadeiras(ores), mães/pais de santos, parteiras, em religiões de matriz africana e demais sujeitos sociais que empregam a chamada *ethnoscience*, que pode ser entendida como um estudo de ideias sobre o mundo, da natureza e da vida humana em diferentes culturas, que tem alcançado notoriedade ao longo dos anos (Pollock, 2015; Queiroz; Canesqui, 1986).

No Estado do Pará, Amazonas e Géli (1988, p. 47) realizaram um levantamento de plantas como uso medicinal em duas Vilas na cidade de Barcarena, com o objetivo de

⁶ As ervas são definidas como plantas macias com pouca ou nenhuma lignina que forma a substância química de que as hastes lenhosas são feitas (Lundell, 2016, p. 18).

⁷ Plantas tratam-se do grupo geral de organismos vivos pertencentes ao reino vegetal que não possuem o poder do movimento e que podem produzir a própria comida. Estes incluem espécies conhecidas de musgos, liverworts, samambaias, plantas herbáceas, plantas lenhosas, arbustos, videiras, árvores, arbustos e assim por diante. Disponível em: <https://pt.esdiffernet.com/difference-between-plants-and-herbs>. Acesso em: 27 jan. 2022.

estudar o sistema terapêutico de comunidades caboclas, no qual foram identificadas cerca de 220 espécies de plantas que eram utilizadas em um ou mais tratamentos. O manejo das plantas, o modo de preparo, a aplicação e os hábitos culturais da utilidade das plantas também foram verificados. A pesquisa demonstrou a diversidade biológica e curativa do sistema terapêutico caboclo, tanto nos recursos utilizados quanto nas formas de manipulação da *folk medicine*.

Para tanto, realizou-se uma análise de processos terapêuticos em uma Casa de Santo, o “Terreiro⁸ de Mina Nagô de Iansã e Xangô da Vovó Margarida”, em São Miguel do Guamá, Estado do Pará, Região Amazônica, que existe há mais de 40 anos na cidade, templo religioso de Matriz Africana-Umbanda, onde os seus praticantes fazem uso de rituais de curas de doenças com a utilização de plantas e ervas medicinais, dando suporte de saúde às comunidades do entorno.

2. METODOLOGIA

A prática curativa da Umbanda é um tema relevante a ser estudado na antropologia, em particular, a respeito dos processos de intervenção de religiões afro-brasileiras, especialmente na Amazônia, pois devem ser compreendidas como parte das práticas populares de saúde em relação a outras, como o xamanismo, a pajelança indígena, entre outras (Silva, 2014). Tal fator nos direcionou ao foco desta pesquisa a partir da seguinte questão: Qual a importância e funcionalidade fitoterápica das plantas usadas em giras e práticas de cura na religião afro-brasileira Umbanda em São Miguel do Guamá, Estado do Pará?

O estudo trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, configurada como um estudo de caso, desenvolvida no município de São Miguel do Guamá, que pertence à Zona Guajarina na região nordeste, a 150 km de Belém, localizado no Estado do Pará. O trabalho de campo foi realizado por meio de observação direta e entrevistas abertas com formulário semiestruturado, conforme proposto por Minayo (2010), estratégia adequada para investigações que buscam compreender significados, práticas e saberes socioculturais.

A população da pesquisa contou com 10 interlocutores, incluindo dirigentes/líderes religiosos, praticantes da Umbanda e membros da comunidade do entorno dos terreiros, bem como duas vendedoras de objetos/produtos de Umbanda⁹ e produtos naturais. Os critérios de seleção dos participantes basearam-se na atuação direta ou indireta com

⁸ O terreiro constitui-se como um espaço social, simbólico e sacralizado, no qual se articulam natureza, comunidade e entidades espirituais, possibilitando a vivência de uma realidade distinta do cotidiano. Além de local de culto, é também um espaço de transmissão dos conhecimentos da tradição religiosa afro-brasileira e de fortalecimento das relações sociais e comunitárias (Barros, 2007).

⁹ Objetos/produtos de Umbanda: os produtos de Umbanda comercializados em casas especializadas compreendem artigos religiosos e rituais que sustentam as práticas espirituais, terapêuticas e de oferenda dessa religião de matriz africana. Entre os principais itens estão: velas, ervas e plantas medicinais utilizadas em banhos, defumações e curas, além de incensos e essências voltados à purificação e à concentração espiritual. Destacam-se também guias e brajás, imagens de entidades espirituais, vestimentas rituais e instrumentos como atabaques e recipientes para oferendas. Embora comercializados, esses objetos possuem significados simbólicos e sagrados, sendo essenciais para a cosmologia da Umbanda e para a vivência religiosa de seus praticantes: “As ervas, incensos, velas, bebidas, colares, roupas, pedras, etc., vendidos nessas lojas possuem potencialidades e atributos específicos inerentes à sua agência e eficácia” (Lundell, 2016, p. 18).

práticas de cura, uso de plantas medicinais e participação em rituais religiosos. O período de observação em campo ocorreu ao longo dos anos de 2019 a 2022; nesse período, a pesquisa sofreu uma pausa das visitas *in loco* em função da pandemia do coronavírus (Covid-19). Contemplamos visitas ao terreiro, participação em cerimônias, aniversários de filhos de santo, entrevistas domiciliares e observação do cotidiano religioso.

Utilizamos a aplicação de questionário com perguntas abertas e semiestruturadas com os 10 participantes, de modo formal, com aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e informal (acesso aos praticantes durante as giras e práticas de cura), com entrevistas e conversas em cerimônias comemorativas, a fim de tornar a pesquisa de campo com maior consistência acadêmica. Após a visita ao terreiro, a pesquisa continuou em dois estabelecimentos de vendas de produtos de Umbanda e em uma loja de produtos naturais, localizadas no centro comercial da cidade de São Miguel do Guamá. Esses locais foram incluídos com o objetivo de compreender a circulação, a procura e os significados atribuídos aos produtos fitoterápicos no contexto local; assim, indagamos a respeito da procura por produtos fitoterápicos com a finalidade de compreender a eficiência das plantas e ervas medicinais nos tratamentos de diversas enfermidades, assim como a eficácia simbólica que englobava as mesmas, comparando-as com as plantas utilizadas nas sessões de cura da Umbanda, que frequentemente praticam a *folk medicine* com plantas e ervas naturais, fitoterápicos conforme poderemos observar na Tabela 1.

Por se tratar de um estudo de caso de cunho qualitativo, destacamos os usos rotineiros de ervas, chás, infusões, etc., utilizados como um dos refúgios dos enfermos durante a pandemia, sendo a representação da medicina alternativa que é praticada pelos umbandistas, pois trazem consigo os valores simbólicos, espirituais, fitoterápicos e bioquímicos contidos nas plantas (Silva, 2014).

É importante destacar que, além e durante a pesquisa de campo, desenvolvemos o trabalho “O uso da *folk medicine* em práticas de curas na religião de matriz africana Umbanda em São Miguel do Guamá, Estado do Pará, Amazônia”, que foi inicialmente apresentado na modalidade de pôster no 7º Encontro Nacional do Ensino de Sociologia na Educação Básica (ENESEB), ocorrido em 2021. Na ocasião, o estudo foi reconhecido academicamente ao ser premiado entre os cinco melhores banners do evento nacional, o que evidenciou sua relevância científica e social no debate sobre práticas religiosas, saberes tradicionais e saúde coletiva. A partir desse reconhecimento e das contribuições recebidas durante o evento, tanto de avaliadores quanto de outros pesquisadores, o texto passou por reformulações teóricas e metodológicas, sendo ampliado e aprofundado para compor o projeto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), assumindo o título atual. Dessa forma, a presente pesquisa representa um desdobramento mais consistente e amadurecido da investigação inicial, incorporando novas reflexões, ajustes metodológicos e maior densidade analítica.

Sobre as entrevistas, destacam-se as falas com a Mãe Margarida (principal entrevistada), que nos recebeu para iniciarmos a entrevista explicando que o nosso interesse era observar como se realizam os cultos e ritos da Umbanda, religião de matriz

africana. O foco da investigação consistiu em demonstrar de que maneira a religião utiliza a medicina popular (*folk medicine*) e a fitoterapia em seus cultos, festejos e no cotidiano dos praticantes, bem como da comunidade do entorno, evidenciando os sentidos simbólicos, espirituais e terapêuticos atribuídos às plantas e ervas medicinais.

De acordo com Fernandes (2014, p. 2), a entrevista é uma técnica privilegiada de comunicação e coleta de dados, pois se trata da estratégia mais utilizada no trabalho de campo, ressaltando que é “uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes” (Fernandes, 2014, p. 2). Para Minayo (2010), o tipo de entrevistas pode ser classificado em: sondagem de opinião, entrevista semiestruturada, entrevista aberta ou em profundidade, entrevista focalizada, entrevista projetiva e grupos focais. Em nosso trabalho de campo, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, utilizamos a entrevista aberta com formulário semiestruturado (Minayo, 2010). A investigação enfoca uma abordagem bioantropológica visando analisar a importância dos recursos naturais das espécies de plantas da flora amazônica local para considerar de que forma os elementos biológicos e culturais podem ser catalogados, descritos e compreendidos a partir de rituais religiosos que buscam a melhoria de enfermidades dos praticantes e não-praticantes da religião Umbanda no cotidiano do município em questão.

3. DISCUSSÃO

Realizamos uma abordagem bioantropológica para analisar a importância dos recursos naturais das espécies vegetais da flora amazônica local, para considerar como os elementos biológicos e culturais podem ser classificados, descritos, compreendidos e catalogados pelos praticantes da religião umbandista a partir de rituais religiosos que buscam amenizar enfermidades de praticantes e não praticantes da Umbanda no cotidiano do município de São Miguel do Guamá, Estado do Pará.

A fim de comparar os estudos, citamos o trabalho desenvolvido por Souza e Felfili (2006, p. 135) realizado em Alto Paraíso, Goiás, a partir de um levantamento etnobotânico nas comunidades do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, no qual demonstraram plantas utilizadas no combate de doenças: cerca de 69% de 103 plantas citadas pelos entrevistados foram classificadas como úteis aos tratamentos, sendo de espécies pertencentes à região nativa local, evidenciando assim um grande potencial da exploração vegetal na região analisada. Além disso, ambas afirmaram que “outro ponto importante evidenciado foi que, apesar do grande potencial de exploração extrativista vegetal, estes recursos estão sendo utilizados de forma indiscriminada, sem um programa eficiente de manejo sustentável” (Souza e Felfili, 2006, p. 135).

Em relação ao conceito de Etnofarmacobotânica e Etnofarmacologia¹⁰, significados importantes que encontramos nos rituais de cura de São Miguel do Guamá entre os praticantes do terreiro de Mãe Margarida, como exemplo, destacamos a pesquisa de Camargo (2014, p. 4), considerando o contexto dos processos simbólicos de tratamento de doenças naturais e sobrenaturais que, abordando o pensamento de Lévi-Strauss (1975), destaca dois papéis fundamentais dos ritos de cura com o uso de plantas, o papel sacral e o funcional, destacando que:

Papel sacral: de valor simbólico, subjetivamente construído no mito e legitimado no rito, capaz de impregnar as plantas de poderes curativos emanados de forças sobrenaturais, segundo ditam os sistemas de crença dos quais fazem parte o doente, o curador e seu grupo familiar e social. [...] Papel funcional: com base no valor intrínseco que as plantas encerram, considerando os componentes químicos, responsáveis pela atividade farmacológica, passíveis de verificação empírica (Camargo, 2014, p. 4-5).

Observamos que os papéis sacral e funcional citados acima estão amplamente relacionados ao se tratar das eficácias química e simbólica do uso das plantas na *folk medicine*, nas quais os ritos mágicos e as curas xamânicas são instrumentos que demonstram a potência das terapias ritualísticas de cura, resultado da interação de todos os membros e elementos ali presentes, reagindo assim no corpo humano com os seus componentes físicos, psicológicos e bioquímicos, além dos patamares simbólicos, cosmológicos e filosóficos de tratamento de enfermidades (Camargo, 2014).

Na Amazônia, de acordo com Silva (2012, p. 78), ao falar de usos terapêuticos da medicina popular, faz-se o emprego ordenado de plantas, ervas, chás, “beberagens” (infusão com folhas e raízes) e “bichos que curam doenças” – citados segundo Figueiredo (1994), na pesquisa clássica sobre medicina *folk* no Pará; afirmando ainda que a prática da medicinal curativa é comum em diversos tratamentos de enfermidades em toda a região norte do Brasil. Sendo assim, para Silva (2012, p. 78) muitas plantas encontradas no estado do Pará são utilizadas para fins de amenizar ou diminuir os efeitos de dores tais como: dor de cabeça, no estômago, nas pernas, na coluna cervical e, ainda, em casos mais sofisticados, são usados no trato de disposições que carecem de terapêutica de prazo prolongado, como, por exemplo: “Garrafadas para problemas de rim, de fígado, de coração, de bronquite, de fraqueza sexual, como depurativo do sangue, entre outros” (Silva, 2012, p. 78). As práticas de cura no terreiro de São Miguel do Guamá, os interlocutores apresentavam queixas e sintomas similares, sendo que encontravam alívio para as suas enfermidades pela aproximação com a mãe de santo e na ausência do funcionamento do posto de saúde do município, em particular, aos finais de semana.

Em um trabalho de campo na comunidade de Riozinho do Anfrísio, na Terra do Meio, estado do Pará, Barros et al. (2012) pesquisaram o uso da biodiversidade para diversos fatores, dentre estes, para a sobrevivência do modo de subsistência das

¹⁰ Segundo Elisabetsky (2003, p. 1), a Etnofarmacologia se define como “a exploração científica interdisciplinar dos agentes biologicamente ativos, tradicionalmente empregados ou observados pelo homem”. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0009-67252003000300021. Acesso em: 5 jul. 2025.

comunidades, que utilizam da pesca, caça e extrativismo vegetal para a reprodução do seu estilo de vida. O extrativismo praticado pelos moradores da comunidade serve de fonte à soberania alimentar, como renda mensal e para fins da prática biocultural de medicina tradicional, que é muito difundida e utilizada nas comunidades pelas benzedadeiras, curandeiras e parteiras, haja visto que não possuem posto médico de saúde na localidade (Barros et al., 2012).

Diferentes usos de recursos naturais foram observados entre os moradores da Terra do Meio (PA), como a utilização do óleo de copaíba (*Copaifera* sp.) para fins medicinais no alívio de dores renais, para cicatrização de ferimentos, cura de inflamações e gripes. A extração de copaíba também tem como finalidade o uso terapêutico das famílias ribeirinhas e para a comercialização do excedente, gerando renda para as famílias (Barros et al., 2012, p. 94). Outra espécie arbórea muito importante para a economia e para a medicina popular local é a andiroba (*Carapa guianensis*), pois além do uso da madeira, a andiroba é fonte de um óleo muito utilizado como produto medicinal contra gripes e asma, sendo ainda usada como anti-inflamatório, analgésico, repelente contra insetos e na fabricação de sabonetes. A andiroba é coletada durante os meses de fevereiro, março, abril e maio (Barros et al., 2012, p. 95). A andiroba é um dos principais remédios utilizados em práticas de curas de inflamações ou infecções de garganta, pele ou outros, também observada no terreiro de Mãe Margarida, compondo a ampla dimensão da etnofarmacobotânica do estado do Pará, fruto da andirobeira que pode ser encontrado em diversas localidades da Amazônia paraense.

De acordo com Simonian (2019, p. 315-316), “[...] a Amazônia brasileira, ela é permeada por espaços de religiosidade como o da pajelança indígena e os das religiões afro-brasileiras. Geralmente, observa-se uma integração de crenças e rituais, o que também inclui os da Igreja Católica”. Segundo ela, é importante notar que terreiros e sítios de pajelança são diversificados, sendo que “todos são muito decorados, têm muitas peças escultóricas representativas das entidades espirituais, além de outros ícones ritualísticos e de plantas medicinais, aromáticas, etc. A pajelança é antiga e remonta a tempos do domínio indígena pré-colonial” (Simonian, 2019, p. 316).

Na Umbanda de Mãe Margarida as plantas também têm funções diversas, onde cada tipo utilizado representa os orixás¹¹, entidades distintas, sendo estas utilizadas para fins de cura, defumação, banhos e tratamentos de doenças por via da mãe ou do pai de santo, estando ou não incorporados às entidades. Ademais, a fitoterapia é uma ciência que estuda a utilização das plantas medicinais, sendo os orixás os intermediários nos processos de curas rituais (Dravet, 2019). Mello e Oliveira (2013) afirmam que socioculturalmente existe um horizonte de expectativas religiosas que se contrapõe ao racionalismo científico e técnico, pois o indivíduo doente pode recorrer às várias possibilidades e formas de

¹¹ Segundo Dravet (2019, p. 43-44): “Os deuses que se manifestam nos ritos afro-brasileiros, chamados Orixás em língua Iorubá, também são seres intermediários, transcendent-imanentes, possuidores de um caráter divino que não se confunde com a divindade absoluta dos sistemas monoteístas e sua pureza ideal. [...] no centro da linguagem da Umbanda não está a racionalidade, mas a sensibilidade, não está a linguagem técnica e sim a linguagem poética, não está a mente pensante e sim a imaginação, não está o corpo máquina e sim o corpo orgânico”.

tratamentos alternativos para solucionar seu problema ou enfermidade, fazendo o seu próprio itinerário terapêutico, “sendo assim, a ‘cura’ passa a ser um processo de busca contínua e não um processo de adesão” (Mello e Oliveira, 2013, p. 1029).

Na Amazônia, a Umbanda é uma das religiões de matriz africana mais populares, tendo na Federação Espírita e Umbandista dos Cultos Afro-brasileiros do Estado do Pará o seu maior referencial representativo, constituindo a presença de terreiros como uma prática religiosa habitual, não apenas na cidade de Belém, mas em todo o estado, com diversos recursos ritualísticos de espiritualidade e, também, de cura de doenças (Figueiredo, 2009; Luca, 2003; Figueiredo, 1994). A relevância de descrever o uso tradicional e popular de plantas e ervas medicinais, isto é, da *folk medicine*, voltando-se para o contexto da sociedade amazônica guamaense é fundamental para a compreensão do tema na atualidade.

De acordo com Silva (2014), o uso terapêutico de plantas fitoterápicas foi observado em diversos povos que fizeram e fazem uso e aplicações em inúmeras formas de tratamentos de doenças. Atualmente, em menor escala, porque apesar dos avanços da ciência farmacológica e da indústria bioquímica de produção e manipulação de remédios, ainda se conserva o uso da *folk medicine* em várias sociedades contemporâneas, de tal modo que “todas as comunidades antigas, China, Egito, Suméria, Ásia, Babilônia, Índia, Grécia, Arábia, África, conheciam os segredos curativos das plantas, sem saber exatamente como tal conhecimento foi criado ou adquirido” (Silva, 2014, p. 81). Ademais, tal prática é percebida como complementação do Sistema Único de Saúde (SUS), que em muitas cidades do interior não tem atendimento de urgência e emergência de tratamento alopático na rede pública de saúde, sendo que os terreiros funcionam como pontos de refúgio e acolhimento na ausência do Estado (Silva, 2014).

É importante ressaltar que a Umbanda não se trata de um ritual de macumba¹², termo bastante ultrapassado, mas de uma religião de matriz africana ou afro-brasileira que traz consigo a representação de nossos ancestrais, bem como conserva os saberes antepassados voltados para a cura e a medicina tradicional, sendo estes preservados e passados de geração em geração. Além do custo-benefício, eficiência curativa e eficácia simbólica dos produtos medicinais usados nos rituais de Umbanda, estes são de princípios naturais e fitoterápicos que, de forma geral, não causam efeitos colaterais após a ingestão ou uso corporal, o que faz com que a procura seja maior, uma vez que os remédios farmacológicos curam/aliviam as dores com mais rapidez; entretanto, geram, em alguns casos, efeitos colaterais, como mal-estar, dor de cabeça etc., segundo Sousa et al. (2008, p. 69-70). Sendo assim, realizamos um levantamento das principais espécies vegetais utilizadas para diversos fins, sejam eles terapêuticos, ornamentais, simbólicos, ritualísticos, religiosos, etc., com o uso de chás, banhos, beberagens (garrafadas/fitoterápicos), etc.,

¹² Sobre o tema ler o artigo de Maroneze e Nunes (2025): “Etimologia e história da palavra ‘macumba’”, no qual citam: “O registro lexicográfico mais antigo de macumba com o sentido ligado à religião é o do dicionário de Cândido de Figueiredo, na sua quarta edição, de 1926. Nesse dicionário, o verbete macumba aparece marcado com um asterisco, indicativo de que se trata de um neologismo: *Macumba, f. Bras. do Rio. Rito espiritualista, que participa do catolicismo, do fetichismo e de superstições tupis* (Figueiredo, 1926, s.v. ‘macumba’)”.

encontrados no Terreiro de Mina Nagô de Iansã e Xangô da Vovó Margarida como podemos observar nos resultados a seguir (veja Tabelas 1 e 2).

4. RESULTADOS

Mãe Margarida de Iansã e Xangô é a liderança religiosa e fundadora do terreiro de Mina Nagô de Iansã e Xangô. Ela deu início às suas atividades religiosas na Umbanda aos 12 anos de idade, por volta do final da década de 70 e início da década de 80, onde veio fundar a Casa de Santo na cidade de São Miguel do Guamá, estado do Pará, região nordeste paraense, cidade onde ela nasceu e mora até então. Durante a entrevista, perguntamos: Qual sua concepção da religião afro-brasileira Umbanda e o que faz você se sentir umbandista?

Sou da Umbanda, mas não vejo a umbanda como religião, não. Vejo como uma missão que Deus me deu, minha religião é a católica, vou pras missas aos domingos aqui no santuário do Perpétuo Socorro, sento no meu canto e assisto a missa. Ser umbandista é algo inexplicável, considero que seja um dom, algo que vem de dentro para fora, sem ensinamento dos meus antepassados, foi mais por pajelança cabocla¹³ (Mãe do Terreiro de Mina Nagô de Iansã e Xangô, pesquisa de campo, 2020).

A narrativa acima demonstra que a Umbanda está para além da religião como propósito formal similar àquele que nos foi consagrado no período colonial ou mesmo em nossa atualidade, como algo estritamente ligado a Deus ou a alguma entidade religiosa ocidental, mas focar no significado cultural que a “missão” da Umbanda possui no sentido prático do termo, no cotidiano da Mãe de Santo que tem como objetivo central de sua vida o “dom” que foi recebido diretamente da divindade, do sobrenatural, algo que não está em seu alcance material, mas espiritual, transformando a vida dela própria e de todos aqueles e aquelas que buscam a sua ajuda na cura de doenças, nas giras, nos passes, nas rezas, festejos e oferendas que ocorrem dentro do terreiro, compondo toda a simbologia de uma tradição ancestral repassada entre gerações, experiência ritualística fundamental para a compreensão da cosmologia religiosa da Amazônia.

Durante as observações realizadas em campo, foi possível perceber certas posições sobre o papel de plantas curativas nas terapias da medicina popular, pois muitos membros da comunidade procuram o terreiro em busca de conforto, paz espiritual e conselhos familiares. Assim, a Umbanda tem papel importante no apoio biopsicossocial e terapêutico da comunidade guamaense e do entorno, proporcionando um atendimento semanal, além de convites para as giras e festas de aniversários de entidades, as quais também fomos convidados a participar, como: a “Festa dos Erês de Cosme e Damião” e a “Festa de Aniversário de 15 anos de Iemanjá”, realizada na “cabeça/cavalo”¹⁴ de uma filha de santo do terreiro. É com base nos diferentes modelos de práticas culturais que a Organização

¹³ Pajelança cabocla: “A pajelança cabocla se fundamenta na crença dos ‘encantados’, seres invisíveis que se apresentam durante os rituais incorporados no ‘pajé’, isto é, o xamã, que é a figura central da sessão de cura” (Maués, 1994, p. 73).

¹⁴ “Cavalo” é um termo usado para identificar a pessoa que é o receptáculo, que “recebe” uma dada entidade dos encantados pela pajelança cabocla (Simões, 2015).

Mundial de Saúde (OMS) tem reconhecido tais práticas e vem procurando incorporar um conceito de medicina tradicional como estratégia importante para a melhoria da saúde das populações mundiais.

Deste modo, acreditamos que a Casa de Umbanda Terreiro Mina Nagô de Iansã e Xangô da Vovó Margarida, em São Miguel do Guamá, contribui substancialmente com o bem-estar da comunidade, sendo reconhecida com credibilidade e respeito; todavia, ainda existe um tabu ao falar de religiões afro-brasileiras como a Umbanda, pois para muitos indivíduos, principalmente para praticantes de religiões neopentecostais, as festas e os cultos de giras umbandistas ou candomblecistas tratam-se de rituais demoníacos de macumba, eventos profanos. No entanto, o diabo não é uma entidade que faz parte da Umbanda e, sim, de dogmas baseados no Cristianismo e, apesar do sincretismo que existe, tais práticas rituais são diferenciadas no terreiro.

É comum que no dia a dia, ao usarmos medicações alopáticas, possamos apresentar efeitos colaterais, como enjoos, etc. Um exemplo prático que trazemos é de uma informante da “Casa de Produtos Naturais” que relatou que uma cliente que procurava melhorar o funcionamento dos rins, pois fazia um tratamento para determinada doença com pílulas alopáticas, passou a sentir fortes dores renais, buscando a fitoterapia para tratar as dores. Após o término dos comprimidos médicos, continuou usando somente os produtos naturais e fitoterápicos, apresentando melhora importante da doença inicial e das dores renais.

Ademais, em decorrência de seu envolvimento com os sistemas de crenças, emprestando à medicina popular o caráter mágico-religioso, sendo os princípios básicos em que estão assentados os rituais de cura, as rezas, as bênçãos, as beberagens e outros elementos ritualísticos, a *folk medicine* no Brasil tem grande eficácia terapêutica e simbólica. A fundamentação da procura da Casa de Umbanda se dá também pelo fato de determinadas doenças ou sintomas possuírem uma carga energética invisível, espiritual, o que não caberia somente ao SUS tratar. O tratamento complementar da medicina popular é de suma importância como suporte paliativo e/ou coadjuvante aos itinerários médico-acadêmicos nos rincões da Amazônia, onde nem sempre o acesso ao sistema público de saúde é regular, permitindo não apenas garantir a melhora física dos participantes, como também processos terapêuticos que confortam espiritualmente os praticantes da religião Umbanda.

5. A FOLK MEDICINE NA PRÁTICA

Durante as visitas ao terreiro, a sacerdotisa Mãe Margarida descreveu a respeito de imagens de santos católicos no canto do terreiro, representando o sincretismo religioso, bem como sobre as entidades da Umbanda, com imagens significando a pajelança cabocla e os principais orixás cultuados pelos membros da casa, mostrando ainda o altar de Iemanjá, a mesa do centro onde são realizadas as sessões de cura e espirituais e, por fim, o firmamento, um espaço embaixo do altar coberto por tecido de cetim, onde se encontra um jarro de barro com água que tem como função filtrar as energias e forças negativas, ou

seja, faz a proteção do recinto contra espíritos e energias indesejáveis, tendo como função sustentar, firmar a parte superior do altar, parte estrutural que dá suporte à organização do altar.

Na parte superior do altar se encontram as principais imagens referentes aos santos católicos, caboclos, pretos-velhos e dos orixás cultuados pelos umbandistas da casa. Observamos ainda os processos de curas e tratamentos simples de doenças e dores utilizados por praticantes e não praticantes da Umbanda, prática milenar e cultural que dá sentido aos ritos, giras, cultos e festas, que fazem parte do tratamento de patologias físicas, psicológicas e espirituais por intermédio de uma mãe ou um pai de santo.

Ao ser indagada a respeito do tempo de atuação da mãe de santo Vovó Margarida sobre o uso de ervas e plantas medicinais, a sacerdotisa afirmou: “Usa desde sempre!” e que ela “Não precisa ser umbandista para fazer tratamento com ervas e plantas; trago conhecimentos dos meus antepassados, como tradição no uso das plantas, sendo utilizadas na forma de chás, banhos de cheiros, garrafadas e outros”. Abaixo registramos o altar das imagens/esculturas que representam os santos católicos e as entidades da Umbanda, índios e pretos-velhos, configurando o sincretismo religioso e as plantas medicinais cultivadas no local da pesquisa. Nas Figuras 1 e 2 registramos as imagens das esculturas representativas no terreiro de Mina Nagô de Iansã e Xangô de Mãe Margarida e nas Figuras 3, 4 e 5 podemos observar o cultivo de ervas/plantas medicinais utilizadas nos rituais religiosos de cura.



Imagem 1 – Esculturas de santos católicos e entidades cultuadas no terreiro de Umbanda em São Miguel do Guamá: sincretismo religioso na Amazônia. Fotos: Francisco Sousa (2020).

Para todos verem: a imagem é composta por duas fotografias do interior de um terreiro de Umbanda.

À esquerda, vê-se um altar principal de alvenaria com dois níveis, repletos de esculturas de santos católicos, caboclos e pretos-velhos. O altar está adornado com tecidos brancos e azuis, e ao lado direito há uma estátua de uma entidade feminina em tamanho real. À direita, uma segunda foto mostra um altar dedicado a Iemanjá, decorado com tons de azul e mosaicos, contendo diversas estátuas da orixá e elementos marítimos.

A *folk medicine* praticada no terreiro de Umbanda, com o uso da fitoterapia e dos fitoterápicos em rituais terapêuticos num contexto amazônico, são elementos agregadores para o nosso Sistema Único de Saúde (SUS). Baseados nos dados coletados nas entrevistas durante o período de pesquisa de campo, obtivemos informações as quais acreditamos que a medicina popular do terreiro ajuda a "desafogar" o SUS, oferecendo algumas respostas terapêuticas locais e atuando como coadjuvante a alguns postos de saúde, hospitais públicos e privados em São Miguel do Guamá, que nem sempre conseguem ofertar os seus serviços de saúde durante vinte e quatro horas por dia aos finais de semana.

O sincretismo religioso é uma característica fundamental para compreender a eficácia simbólica dos tratamentos de cura de enfermidades em casas de santos, terreiros e centros espíritas na região amazônica, pois coadunam as entidades da Umbanda com os santos católicos e kardecistas, fortalecendo a rede de representação religiosa do espaço de cura ampliando os horizontes dos significados biopsicossociais que fazem parte dos processos terapêuticos. Gestos de imposição das mãos, rezas, ladainhas, gesticulações com o sinal da cruz, banhos de ervas aromáticas e tocar o corpo do doente com a intenção de concentrar energia durante a sessão de cura são algumas das técnicas usadas, tornando o ritual muito mais complexo do ponto de vista simbólico, processos terapêuticos que também foram observados no terreiro estudado por ocasião de visitas realizadas após a entrevista oficial¹⁵.

Um dos resultados da pesquisa de campo diz respeito à utilização do termo "verbo" para designar as ações, funções, estado ou fenômeno de natureza simbólica, de modo a desempenhar as ações curativas por meio das plantas, que podem ter variados significados. Como exemplo, as plantas arruda (*Ruta graveolens*) e espada-de-são-jorge (*Dracaena trifasciata*) possuem a ação de alto poder de limpeza, utilizando-se das folhas em banhos e defumações; os galhos, por sua vez, servem para o benzimento, etc. Desta forma, a arruda e a espada-de-são-jorge trazem como principais verbos de ação: consumir e purificar. Assim, segundo Vovó Margarida, o indivíduo tratado com estas plantas terá suas energias negativas consumidas, tornando-o purificado e renovado. Na cosmologia espiritual, a arruda representa as entidades Egunita e Xangô e a espada-de-são-jorge, Ogum (imagem 2). As demais plantas estão descritas nas tabelas abaixo.

¹⁵ A respeito do tema, os artigos de Rodrigues et al. (2014) e Fonseca (2012) trazem narrativas ritualísticas similares às práticas de cura que vivenciamos no terreiro de Umbanda em São Miguel do Guamá, estado do Pará.

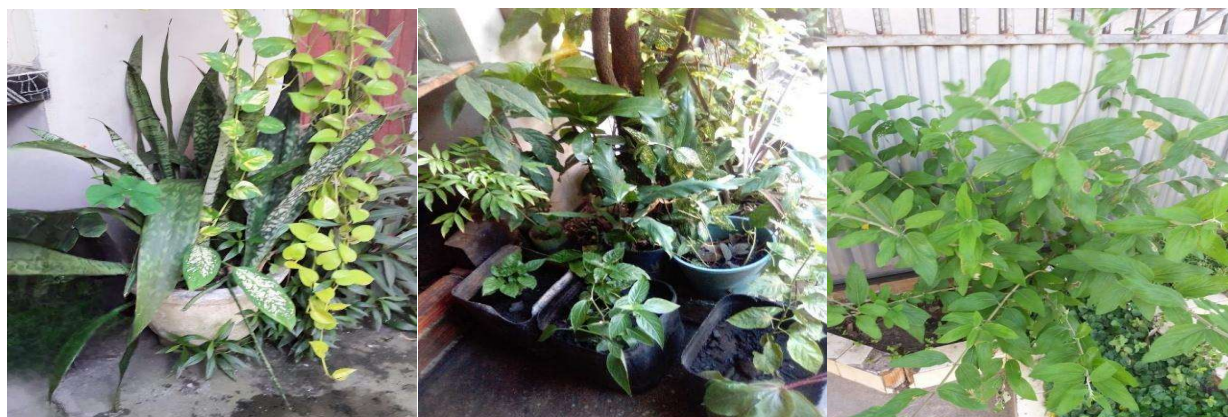


Imagem 2 – Espada-de-são-jorge (*Dracaena trifasciata*), planta muito comum na região amazônica, também utilizada como ornamental e para espantar o mau-olhado (a “pessica”, o azar, o olho gordo e a inveja); cultivo de pimenta-malagueta (*Capsicum frutescens*); erva-cidreira (*Melissa officinalis*), planta fitoterápica. Todas cultivadas no quintal da casa de axé Terreiro de Mina Nagô de Iansã e Xangô, em São Miguel do Guamá, de Mãe Vovó Margarida.. Fotos: Francisco Sousa (2020).

Para todos verem: a imagem apresenta três fotografias de plantas medicinais e ornamentais cultivadas em vasos e canteiros no quintal de um terreiro. À esquerda, destaca-se uma espada-de-são-jorge de folhas longas e pontiagudas em um vaso cerâmico, ladeada por folhagens de jiboia. Ao centro, veem-se mudas de pimenta-malagueta plantadas em recipientes plásticos reciclados de cor preta. À direita, há um arbusto viçoso de erva-cidreira com folhas verdes ovais, crescendo em um canteiro próximo a uma grade metálica..

Durante as visitas ao terreiro, listamos as principais plantas e ervas medicinais que foram catalogadas na casa de santo Terreiro de Mina Nagô de Iansã e Xangô, junto à mãe de santo Vovó Margarida, bem como as suas funções curativas, ações/verbos, além da eficácia simbólica e terapêutica a elas associadas. Na Tabela 1 (abaixo), descrevemos os nomes populares/regionais e científicos, de modo a destacar as funções curativas, as ações e verbos das plantas, com ênfase nas representatividades das entidades da Umbanda/Orixás, visando os atos/verbos de proteção e defesas daqueles que as cultivam ou fazem usos terapêuticos, dentre outras funções e utilidades das plantas.

Tabela 1 – Principais Plantas Medicinais Utilizadas em um Terreiro de Umbanda na Cidade de São Miguel do Guamá, Estado do Pará, Amazônia (2020).

Nome popular	Nome Científico	Funções Curativas	Verbos/Ações	Simbologia dos Orixás
Arruda	<i>Ruta Graveolens</i>	Alto poder de limpeza em banhos e defumações; os galhos são para o benzimento	Consumir e Purificar	Egunita e Xangô
Babosa/ Aloe Vera	<i>Aloe vulgaris.</i>	Uso para fins estéticos, fadiga, doenças de pele, problema digestivos	Limpar e desobstruir	Obaluayê
Boldo	<i>Peumus boldus</i>	Tratar má digestão, problemas do fígado, litíase biliar, gota, obstipação, cistite, flatulência, dor de cabeça e suores frios	Proteger, eliminar	Nanã e Buruquê
Camomila	<i>Matricaria chamomilla</i>	Resfriados, inflamações nasais, sinusite.	Proteger, eliminar.	Oxum
Comigo Ninguém Pode	<i>Dieffenbachia Picta (Lodd). Schott)</i>	Limpeza e proteção (simbólica)	Purificar	Oxalá e Oxóssi
Erva Cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	Controla a ansiedade, melhora a qualidade do sono, promove o bem-estar e a tranquilidade	Cortar, quebrar, perfurar	Oxalá
Espada de São Jorge	<i>Dracaena trifasciata</i>	Proteção, afastar as más energias (simbólica)	Proteger, cortar, eliminar o mau olhado	Ogum
Guiné (Mucura-cá)	<i>Petiveria Alliacea L.</i>	Limpeza pesada (simbólica)	Cortar, quebrar, perfurar	Oxóssi e Ogum
Manjerição	<i>Ocimum basilicum</i>	Tratar aftas, tosse e dor de garganta	Limpar, desobstruir	Xangô
Pata de Vaca	<i>Bauhinia forficata</i>	Tratar doenças do coração e doenças do sistema urinário	Limpar, desobstruir.	Iansã
Pinhão-roxo	<i>Jatropha Gossypifolia L.</i>	Paralisador de energias e fluxos energéticos negativos (simbólico)	Paralisar, consumir, desintegrar, punir e eliminar	Omulu, Ogume e Iansã
Pimenta malagueta	<i>Capsicum frutescens</i>	Utilizados para defumações, oferendas (simbólica)	Revelar, desconstruir, mostrar	Todos os orixás, principalmente, Exu
Urtiga	<i>Urtica dioica</i>	Estimula o apetite, previne a queda de cabelo e combate a caspa	Proteger	Exu

Fontes: Ribeiro (1987); Di Stasi (2002); Cherobin *et al.* (2021).

Na Tabela 2, descrevemos e catalogamos os nomes populares/regionais e os nomes científicos, bem como as funções curativas, ações e verbos das ervas medicinais. Estas, por sua vez, trazem consigo as representatividades das entidades da Umbanda/Orixás, desempenhando a função curativa e ações simbólicas atreladas aos atos/verbos de proteção, defesa, dentre outros.

Tabela 2 – Principais Ervas Medicinais e Fitoterápicas utilizadas em um Terreiro de Umbanda na Cidade de São Miguel do Guamá, Estado do Pará, Amazônia (2020).

Nome popular	Nome Científico	Funções Curativas	Verbos/Ações	Simbologia dos Orixás
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Protege a saúde do fígado e cansaço mental	Iluminar, Equilibrar.	Oyá-Tempo e Obaluaê
Alho	<i>Allium sativum</i>	Ação dilatadora dos vasos sanguíneos eleva o ego, tira ansiedade e perturbação, espanta olho gordo (simbólica)	Paralisar, desintegrar e eliminar	Oyá-Tempo e Obaluaê
Artemisia	<i>Artemisia verlotorum Lam.</i>	Ação contra infecção urinária e para acalmar a ansiedade	Embelezar e Renovar	Oxóssi, Oxum e Oxumaré
Calêndula	<i>Calêndula officiales L.</i>	Ação curativa usada como calmantes, cicatrizantes e antialérgicas	Manter, revigorar e reconstruir	Pomba-Gira, Oxum e Iansã
Capim Santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	Contra qualquer tipo de dor, problemas estomacais e febre	Eliminar	Oxalá
Cebola	<i>Allium cepa L.</i>	Contra infecções gástricas	Eliminar e desintegrar	Exu
Hortelã	<i>Mentha spicata.</i>	Age diminuindo a formação de gases e dores intestinais	Estimular, ligar e animar.	Obaluaíê, Oxalá e Oxossi.

Fontes: Ribeiro (1987); Di Stasi (2002); Cherobin *et al.* (2021).

Nesse íterim, temos um recorte das principais ervas/plantas medicinais e ornamentais que foram catalogadas no terreiro, ruas e bairros em São Miguel do Guamá (PA), bem como seus nomes populares/regionais e científicos, além das suas funções simbólicas e curativas, verbos e quais entidades da Umbanda/Orixás estas representam.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do que foi abordado, observamos que o uso de ervas e plantas medicinais é uma prática biocultural que nem sempre esteve associada à Umbanda ou a qualquer outra religião, pois se trata de uma prática que ocorre naturalmente na maioria das sociedades, aldeias indígenas, comunidades quilombolas, ribeirinhas e demais povos amazônicos, incluindo o cultivo de subsistência em quintais e hortas. Todavia, diante da insuficiência dos serviços do SUS na cidade de São Miguel do Guamá, no estado do Pará, para com os atendimentos à crescente população local, é comum a busca constante pela *folk medicine* praticada na casa de Umbanda de Mina Nagô de Iansã e Xangô.

Desse modo, a *folk medicine* desempenhada no terreiro como prática de medicina alternativa para curas de enfermidades é de fundamental importância ante a carência ou limitação do acesso de rotina nos hospitais e serviços públicos dessa cidade do interior paraense. É função e dever do Estado facilitar o acesso a políticas públicas como a saúde pública, a educação, o saneamento básico, dentre outros direitos fundamentais, com o financiamento de projetos e pesquisas científicas independentemente da área do conhecimento humano, a fim de permitir que as diversas formas de curas de enfermidades

sejam descritas não apenas entre as populações amazônicas, mas em toda a sociedade brasileira, respeitando os limites da ciência e dos sistemas holísticos. Garante-se, assim, o direito humano à saúde para que o planeta não esgote a capacidade de recuperação de seus ecossistemas apenas atendendo à indústria alopática, mas preservando os biomas regionais e seus respectivos saberes.

A *folk medicine*, por meio de estudos etnofarmacobotânicos, pode atuar como via complementar, concomitante ou auxiliar ao SUS, sendo necessário dar visibilidade à medicina alternativa popular que vem sendo esquecida com o passar do tempo.

REFERÊNCIAS

- Alves, P. C.; Minayo, M. C. S. **Saúde e doença: um olhar antropológico** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994. 174 p. Disponível em: SciELO Books.
- Amorozo, M.; Gély, A. O uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, série botânica, v. 4, n. 1, 1988.
- Barboza, M. S. L. *et al.* “Sem as plantas a religião não existiria”: simbologia e virtualidade das plantas nas práticas de cura em comunidades tradicionais de terreiros amazônicos (Santarém, PA). **Nova Revista Amazônica**, v. 3, 2021.
- Barros, F. B. *et al.* Medicinal use of fauna by a traditional community in the Brazilian Amazonia. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 2012.
- Bezerra, J. **Umbanda**. Toda Matéria, 2019. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/umbanda/>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- Black, P. M. Nebraska folk cures. **University of Nebraska Studies in Language, Literature, and Criticism**, n. 4, p. 1-49, 1935. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/englishunslc/4>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- Brandão, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, p. 11-27, jan./jun. 2007.
- Camargo, A. **25 ervas para descarrego**. Umbanda EAD, 2021. Disponível em: <https://ibeasa.org/wp-content/uploads/2021/01/25-ervas-para-descarrego.pdf>. Acesso em: 20 out. 2024.
- Camargo, H. W. (org.). **Umbanda, cultura e comunicação: olhares e encruzilhadas**. São Paulo: Syntagma Editores, 2019. Disponível em: <https://syntagmaeditores.com.br/livraria/umbanda--cultura-e-comunicacao>. Acesso em: 8 ago. 2025.

Cherobin, F. *et al.* Plantas medicinais e políticas públicas de saúde: novos olhares sobre antigas práticas. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 3, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis>. Acesso em: 4 set. 2025.

Di Stasi, L. C.; Hiruma-Lima, C. A. **Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

Elisabetsky, E. Etnofarmacologia. **Ciência e Cultura**, v. 55, n. 3, São Paulo, 2003. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br>. Acesso em: 8 mai. 2025.

Fernandes, L. K. R. Método de pesquisa qualitativa: usos e possibilidades. **Psicologado**, [s. l.], 2014. Disponível em: <https://psicologado.com.br>. Acesso em: 17 jan. 2026.

Fernández-Cervilla, A. *et al.* Situación actual de las terapias complementarias en España en el grado de enfermería. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 21, n. 3, 2013.

Figueiredo, A. **A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia, 1870-1950**. Belém: Editora Universitária UFPA, 2009.

Figueiredo, N. Os “bichos” que curam: os animais e a medicina de “folk” em Belém do Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, série antropologia, v. 10, n. 1, p. 75-92, 1994.

Fonseca, D. R. As raízes do sincretismo religioso afro-brasileiro. **Revista Língua Viva**, Guajará-Mirim, v. 2, n. 1, p. 96-136, 2012. Acesso em: 12 jan. 2021.

Huibers, J. **As plantas medicinais e o amor**. São Paulo: Hermus, 1983.

Lévi-Strauss, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

Luca, T. T.; Brandão, M. C. T. **Revisitando o tambor das flores: a Federação Espírita e Umbandista dos cultos afro-brasileiros do estado do Pará como guardião de uma tradição**. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

Lundell, E. Exú's work – the agency of ritual objects in Southeast Brazilian Umbanda. **Journal of Ethnology and Folkloristics**, v. 10, p. 43-69, 2016.

Macedo, E. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios**. Rio de Janeiro: Unipro, 2019.

Maués, R. H. **Medicina populares e “pajelança cabocla” na Amazônia**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994.

Mello, M.; Oliveira, S. Saúde, religião e cultura: um diálogo a partir das práticas afro-brasileiras. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 1024-1035, 2013.

Menezes, L. C. B. B.; Brasileiro, T. S. A. A medicina tradicional amazônica: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Caderno Pedagógico**, Curitiba, v. 21, n. 3, p. 1-31, 2024.

Oliveira, E. R. **O que é medicina popular?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

Passos, A. *et al.* A disseminação cultural das garrafadas no Brasil: um paralelo entre medicina popular e legislação sanitária. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 116, p. 248-262, jan./mar. 2018.

Pereira, A. L. C. A festa da princesa Dona Mariana: a dança revelando a “Turquia Cabocla” na Amazônia. **Pro-revista de Antropologia e Arte**, Campinas, v. 2, n. 8, p. 67-87, jun./dez. 2018.

Pollock, D. Ethnoscience and medical anthropology. **Ethnology, Ethnography and Cultural Anthropology**, 2015. Disponível em: <https://www.eolss.net>. Acesso em: 25 nov. 2020.

Queiroz, M. S.; Canesqui, A. M. Antropologia da medicina: uma revisão teórica. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 152-164, 1986.

Ribeiro, B. B. (coord.). **Suma etnológica brasileira: v. 1 – Etnobiologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

Rodrigues, D. *et al.* Pajelanças indígena e cabocla no Baixo Amazonas/AM e suas implicações a partir de questão histórica. **Ponto Urbe**, n. 15, 2014.

Salles, V. **O negro na formação da sociedade paraense**. Belém: Paka-Tatu, 2004.

Silva, C. Uso terapêutico e religioso das ervas. **Revista Caminhos**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 79-92, 2014.

Silva, J. S.; Pacheco, A. S. Diásporas de encantados na Amazônia Bragantina. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 21, n. 43, p. 129-156, 2015.

Sousa, H. W.; Silva, J. L.; Neto, M. S. A importância do profissional farmacêutico no combate à automedicação no Brasil. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 5, n. 1, 2008.

Souza, C. D.; Felfili, J. M. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, n. 1, p. 135-142, 2006.

Velho, G. Observando o familiar. In: Nunes, E. O. (org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Recebido em 10 de setembro de 2025

Aceito em 08 de janeiro de 2026